## Opinião Anarquista

## ESMAGAR O FASCISMO. O RACISMO. O PATRIARCADO E O CAPITALISMO!

Mais um ano se passa, e não há nada a comemorar no 8 de Março. Nós, mulheres da Coordenação Anarquista Brasileira, continuamos nas trincheiras da luta social, enfrentando ameaças fascistas, o machismo cotidiano e a negação dos direitos mais básicos para uma vida digna. A derrota do fascista Jair Bolsonaro nas urnas está longe de ser suficiente para alterar a realidade de 500 anos que o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado impuseram aos nossos territórios.

Estivemos nas ruas, construindo a linha de frente da luta antifascista, antes mesmo do #EleNão em 2018. Muitas de nós tiveram que se afastar de familiares, companheiros e espaços de lazer por conta de nossas convicções. Enfrentamos ameaças, violências e fomos taxadas de loucas, sem contar todas as perdas que sofremos nas mãos do genocida Bolsonaro, principalmente durante a pandemia.

Agora, alguns setores da esquerda nos pedem "calma" e que sejamos "pacíficas" em nossas manifestações. Nossa posição enquanto mulheres da CAB é irredutível: continuaremos combatendo o fascismo por todos os meios possíveis, e nos defenderemos como for necessário.

Também não retrocederemos nem um centímetro em nossas demandas, nem em nossos métodos para conquistá-las:

Queremos aborto legal para todas as pessoas com útero, de maneira gratuita e segura, pelo SUS. Queremos que as mulheres trans e travestis tenham uma vida longa e seus direitos assegurados. Que ocupem os bancos das escolas e universidades, e que tenham acesso a empregos estáveis, com remunerações e condições de trabalho dignas.

O ANARQUIS

Queremos o fim do genocídio do povo preto e pobre, da guerra às drogas e do encarceramento em massa. Queremos destruir o racismo e a supremacia branca. Queremos um povo preto forte e autoorganizado, mulheres negras livres da violência doméstica e sexual, livres da objetificação e da solidão sistêmica.

Queremos a **revogação da Reforma Trabalhista e da Previdência**, pois não aceitamos trabalhar até morrer, com péssimas remunerações e sem direitos básicos.



Queremos creches acessíveis, educação sexual nas escolas, a revogação do Novo Ensino Médio e vagas para todas nas Universidades Públicas, que devem permanecer gratuitas, garantir políticas de permanência e desenvolver pesquisas à serviço do nosso povo.

Queremos o fim do garimpo e da exploração capitalista da terra e dos territórios, com a demarcação de terras indígenas e quilombolas, e a expropriação dos latifúndios, colocando terra na mão de quem nela vive e trabalha.

Queremos transporte público gratuito, de qualidade e controlado pelo povo. Queremos apenas uma *vida digna*, e vamos conquistá-la, independente de quem estiver no governo.

## NOS INSPIRAMOS NA LUTA DAS MULHERES DE TODO O MUNDO

Desde as **Zapatistas** retomando seus territórios no sul do **México**, até as mulheres **Curdas** enfrentando imperialismos e terremotos em **Rojava**. Desde as **Mujeres Libres** da **Espanha**, que combateram o exército fascista de Franco, as traições stalinistas e o machismo nas próprias fileiras anarquistas, até as **nossas irmãs** por toda a **América Latina**, que ocupam prédios e pintam as ruas de verde na luta pelo **Aborto Legal**.

Sem esquecer de cada mãe preta que luta por justiça nas periferias do Brasil, e de cada pessoa trans e travesti lutando para não virar estatística. A nossa saída para esmagar o fascismo, garantir direitos e fazer valer a luta de cada companheira que está conosco é uma só: organização.

Precisamos estar juntas nos movimentos do campo, da cidade e das florestas, movimentos de luta por moradia, feministas e antirracistas. Precisamos ocupar sindicatos, grêmios estudantis e associações de moradores.

Precisamos de movimentos **combativos**, **autônomos** e com **independência** de classe, sem depender de partidos, políticos profissionais ou empresas para alcançar vitórias.

Enquanto mulheres libertárias, precisamos construir a Organização Anarquista para disputar politicamente esses espaços, lutar contra o patriarcado que se expressa dentro dos próprios movimentos, e radicalizá-los, para que sejam sementes do novo mundo.

Por fim, nossa resposta à esse sistema de morte é fincar cada vez mais nossos pés nos territórios e nos espaços sociais das classes oprimidas. É tomar para nós a responsabilidade por nossa libertação, pela construção e luta por pautas que ampliem nossos direitos.

Nosso caminho é a auto-organização, o ombro a ombro, e a rebeldia de quem já



